

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Perspectivas de crianças brasileiras sobre a experiência da pandemia da COVID-19

Brazilian children's perspectives on the experience of the COVID-19 pandemic

Perspectivas de niños y niñas brasileños sobre la experiencia de la pandemia de COVID-19

Isabella Goulart Bittencourt¹, Giulia Truppel Antunes², Lais Daniela Passig da Silva³ &
Marina Menezes⁴

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: isabellagoulartb@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8367-9298>

² Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: giuliatr@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5140-3470>

³ Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: laisdanielaps@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9447-516X>

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: menezes.marina@ufsc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8518-8684>

*Informações do Artigo:**Marina Menezes*menezes.marina@ufsc.br*Recebido em: 07/05/24**Aceito em: 03/12/24***RESUMO**

O presente estudo qualitativo analisou os relatos de desenhos produzidos por 29 crianças brasileiras de 4 a 11 anos sobre a vida antes e durante a pandemia de COVID-19. Os dados foram coletados através de videochamadas e submetidos à Análise Temática com o auxílio do software webQDA, originando seis categorias. Os principais resultados indicam as perspectivas infantis acerca das mudanças, pensamentos e sentimentos decorrentes do novo coronavírus e da pandemia. Corroborar-se a ideia de que as crianças são competentes para descreverem e interpretar o que vivenciaram e estes resultados poderão subsidiar intervenções em outras situações de crise.

PALAVRAS-CHAVE:

Crianças; Desenvolvimento infantil; COVID-19; Pandemia; Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

This qualitative study analyzed the content of drawings created by 29 Brazilian children aged 4 to 11 regarding life before and during the COVID-19 pandemic. Data were collected through video calls and submitted to thematic analysis using webQDA software, which generated six categories. The main results revealed the children's perspectives on the changes, thoughts, and feelings resulting from the COVID-19 virus and the pandemic. These findings corroborate the idea that children are competent to describe and interpret what they have experienced. These results may support interventions in other crisis situations.

KEYWORDS:

Children; Child development; COVID-19; Pandemic; Qualitative research.

RESUMEN

Este estudio cualitativo analizó dibujos de 29 niños y niñas brasileños, de 4 a 11 años, sobre la vida antes y durante la pandemia de COVID-19. Los datos fueron recolectados por videollamadas y sometidos a Análisis Temático con el software webQDA, generando seis categorías. Los resultados revelan las perspectivas infantiles sobre los cambios, pensamientos y sentimientos relacionados con el nuevo coronavirus y con la pandemia. Indican que los niños son competentes para expresar e interpretar sus vivencias. Estos hallazgos pueden contribuir al desarrollo de intervenciones sensibles a sus necesidades, tanto en contextos pandémicos como en otras situaciones de crisis.

PALABRAS CLAVE:

Niños; Desarrollo infantil; COVID-19; Pandemia; Investigación cualitativa.

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto do novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável por causar a COVID-19, caracterizava-se como uma pandemia, devido à distribuição geográfica da doença em vários países e regiões do mundo (Organização Pan-Americana de Saúde, 2020). A fim de evitar a propagação da doença, instauraram-se medidas de quarentena, distanciamento e isolamento social, com diferentes objetivos. Em maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19, em função do declínio nas hospitalizações e internações em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) causadas pela doença, e dos níveis elevados de imunidade da população através da vacinação (Organização Pan-Americana de

Saúde, 2023). Contudo, o fim da emergência não significou que a COVID-19 tenha deixado de constituir uma ameaça à saúde, nem que outras crises sanitárias semelhantes não possam ocorrer futuramente.

Apesar de as crianças terem sido menos contaminadas de modo sintomático e grave pelo novo coronavírus, elas podem ter sido mais afetadas em relação ao desenvolvimento psicológico, à medida que são consideradas como uma população potencialmente vulnerável (Idoiaga et al., 2020; Marques et al., 2022). Assim, compreender a perspectiva infantil sobre a COVID-19 e restrições relacionadas às suas vidas é uma importante oportunidade para entender como as crianças responderam à pandemia, incluindo os impactos em seu bem-estar social e emocional.

A partir de uma revisão de literatura em andamento e executada de modo sistematizado utilizando descritores em português, inglês e espanhol relativos à “COVID-19”, “crianças” e “experiências”, destacam-se as pesquisas com metodologias qualitativas e mistas realizadas em diferentes países do continente europeu. No norte da Espanha, Idoiaga et al. (2020) buscaram compreender como as crianças (de três a 12 anos) entenderam ou representaram a COVID-19 através de um exercício de associação livre. Também na Espanha, a pesquisa de Mondragon et al. (2022) investigou como crianças espanholas de seis a 12 anos entenderam e representaram a crise de saúde da COVID-19 por meio de desenhos. Na Grécia, Bonoti et al. (2022) examinaram concepções de crianças sobre o coronavírus, as quais variaram conforme a idade e o modo de expressão (descrições verbais e desenhos). Maftai et al. (2022) analisaram representações, emoções, cognições e estratégias de enfrentamento de crianças e adolescentes da Romênia sobre a pandemia. Na Itália, Cornaggia et al. (2022) exploraram a visão das crianças por meio de desenhos, comparando com percepções dos pais sobre as dificuldades e

habilidades dos filhos. Já Pascal e Bertram (2021) investigaram as narrativas de crianças na Inglaterra, Escócia e Nova Zelândia em relação à pandemia utilizando recursos lúdicos.

No continente norte-americano, pesquisadores canadenses documentaram através de entrevistas qualitativas as perspectivas de crianças e adolescentes de cinco a 14 anos, sobre sua vida social e amizades durante a pandemia da COVID-19 (Larivière-Bastien et al., 2022). Com objetivo e método semelhantes, também foram analisadas as experiências de crianças e adolescentes (de seis a 15 anos) nos Estados Unidos (Swank et al., 2022).

No Brasil, vários estudos foram realizados em diferentes regiões. Alvaro et al. (2021) analisaram a percepção de crianças de oito a 10 anos oriundas do Rio de Janeiro sobre a COVID-19 por meio de desenhos comentados. Folino et al. (2021) complementaram com entrevistas individuais para entender a percepção das mesmas crianças sobre o SARS-CoV-2. Gouvêa (2022), Marques et al. (2022) e Melo et al. (2022) estudaram crianças de oito a 12 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte para analisar suas relações sociais e sentimentos no período pandêmico. Camargo e Fernandes (2023) investigaram crianças de oito a 11 anos de uma escola pública no interior de São Paulo sobre seu cotidiano durante a pandemia.

Considerando que as crianças são atores sociais competentes e capazes de relatar e descrever o que vivenciam, de construir significados e de produzir discursos (Bonoti et al., 2022; Gouvêa, 2022; Mondragon et al., 2022), o objetivo deste estudo consistiu em analisar os relatos de desenhos produzidos por crianças brasileiras, de quatro a 11 anos, sobre a vida antes e durante a pandemia de COVID-19. A relevância pauta-se na necessidade de identificar e compreender as perspectivas infantis sobre a experiência da pandemia de COVID-19. Além disso, as investigações que contemplam a escuta das próprias crianças têm priorizado as faixas etárias entre sete e 18 anos, sendo menor o número de pesquisas que incluem crianças em idade pré-escolar como participantes (Gouvêa, 2022). Os resultados aqui apresentados podem

favorecer a reflexão sobre as práticas da Psicologia e servir como subsídio para outros profissionais que atuam com crianças e famílias, de modo a incluírem as compreensões infantis no planejamento e execução das suas ações de cuidado em situações de sofrimento psicológico decorrente de crises, como a pandemia de COVID-19.

Método

Participantes

Participaram deste estudo qualitativo, descritivo, exploratório e transversal 29 crianças, com idades entre quatro e 12 anos incompletos, que conseguiam expressar suas ideias verbalmente e por meio de desenhos, considerando o julgamento dos pais/responsáveis que foram previamente consultados pela pesquisadora. A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, com convites destinados aos pais/responsáveis e postados nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) do grupo de pesquisa, e por e-mail ou telefone a participantes de pesquisas anteriores do laboratório ligado a este estudo. Inicialmente, foram obtidas 51 respostas no formulário de convite. Entretanto, 22 crianças não participaram devido a desistências, duplicações, idade fora dos critérios, dificuldades de dicção, ou por já ter sido alcançado o número necessário de participantes em determinada faixa etária. O número de crianças foi estabelecido com base nos critérios de saturação de código de Hennick et al. (2017), alcançada a partir da nona entrevista, quando a gama de questões temáticas pode ser identificada.

Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados

Para caracterizar as crianças participantes do estudo, os pais/responsáveis responderam a um Questionário Sociodemográfico (QS) com questões referentes à família (idade, escolaridade e profissão dos pais, e configuração e renda familiar), à criança (idade, escolaridade e rotina durante o período da pandemia), bem como se algum familiar havia sido

diagnosticado com a COVID-19 até o momento da coleta de dados. As perspectivas das crianças foram coletadas através da técnica *Drawing and Telling* ou *Drawing and Writing*, a qual permite explorar as representações das crianças sobre acontecimentos estressantes, bem como identificar suas dificuldades e seus recursos (Cornaggia et al., 2022; Mondragon et al., 2022). Considerando que a informação transmitida oralmente ou por escrito aumenta a informação do desenho, e que não havia intenção de interpretar os desenhos elaborados, as crianças foram convidadas a descrever o que desenharam.

Optou-se por utilizar apenas o desenho como recurso de coleta de dados por ser eficaz em envolver as crianças em pesquisas e explorar sua vida emocional, permitindo que visualizem suas ideias (Davies et al., 2024). Ademais, como demonstraram os estudos qualitativos que utilizaram desenhos para explorar as experiências subjetivas de crianças acerca da pandemia da COVID-19 (Alvaro et al. 2021; Bonoti et al., 2022; Cornaggia et al., 2022; Mondragon et al., 2022), desenhar tem vantagens sobre métodos verbais, pois facilitam a expressão de pensamentos e sentimentos difíceis de verbalizar, especialmente para crianças que sentem inibição para falar ou compartilhar ideias.

Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi organizada e realizada por uma graduanda em Psicologia, treinada e orientada por uma psicóloga e professora com doutorado. Ocorreu de forma on-line, através de videochamadas pelo *Google Meet*, entre os meses de dezembro de 2020 e maio de 2021, período em que no Brasil ocorreu a “segunda onda” da COVID-19, gerando sobrecarga nos sistemas de saúde e maior letalidade (Moura et al., 2022).

Após o convite da pesquisadora e a manifestação de interesse dos pais/responsáveis para participar da pesquisa, estes acessaram dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças e o QS por meio de um formulário no *Google Forms*. Em seguida, era agendada videochamada com os pais/responsáveis para explicar brevemente a pesquisa, esclarecer dúvidas e orientar sobre a participação na videochamada da criança, caso ela desejasse. Os pais/responsáveis foram instruídos a não interferir nos desenhos e relatos das crianças.

Posteriormente, na videochamada com a criança, após esclarecer dúvidas sobre sua participação e a presença dos pais, a criança era convidada a elaborar dois desenhos a partir das seguintes consignas: Desenho 1: “Você lembra como era sua casa, sua família e sua escola antes do Novo Coronavírus aparecer? Poderia desenhar para mim?”; e Desenho 2: “Você acha que mudou alguma coisa na sua casa, na sua família, na sua escola e com você depois que o Novo Coronavírus apareceu? Poderia desenhar para mim?”. Para os desenhos, as crianças foram orientadas a utilizar os materiais (lápiz de cor, folhas brancas A4, canetas hidrocor, giz de cera, lápis grafite, borracha e apontador) disponíveis em sua residência. Para que isso se efetivasse, a pesquisadora previamente se certificou sobre a disponibilidade desses materiais (não houve restrição para a utilização dos recursos que os participantes referissem ter em casa).

Quando as crianças terminavam cada desenho era solicitado que o mostrassem em frente à câmera e relatassem sobre o que haviam desenhado. A partir desse relato, a pesquisadora realizava perguntas para esclarecer alguns aspectos dos desenhos ou relatos, sem conotação de julgamento, aprovação ou desaprovação. Todos os dados coletados com as crianças foram gravados em áudio e vídeo digital. No final, os pais/responsáveis enviaram as fotos dos desenhos pelo *WhatsApp*.

Procedimentos Éticos

Este estudo seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (2016), tendo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado pelo parecer número 4.197.739 (CAAE: 35419220.0.0000.0121).

Procedimentos de Análise de Dados

As informações do QS foram organizadas em uma planilha a fim de descrever o perfil sociodemográfico dos participantes, sendo realizadas médias simples das frequências entre os dados informados para fins de caracterização dos participantes. O conteúdo dos relatos e registros escritos dos desenhos das crianças foi transcrito na íntegra, organizado e analisado, de modo indutivo, com auxílio do *software* webQDA.

A análise dos dados foi realizada através da Análise Temática, seguindo as etapas da proposta de Braun e Clarke (2006), indicadas a seguir: (a) familiarização com os dados; (b) geração de 437 códigos iniciais; (c) busca por temas; (d) revisão dos temas; (e) definição e nomeação dos temas; e (f) produção do artigo. Para qualificar e assegurar fidedignidade à análise de dados, as categorias temáticas foram submetidas à análise de duas juízas independentes com experiência reconhecida em pesquisas qualitativas na área da infância, sendo obtido um índice de concordância de 90,74% entre as juízas.

Este estudo foi conduzido com base no *checklist Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ), traduzido e validado para o português falado no Brasil (Souza et al., 2021).

Resultados

Caracterização das Crianças Participantes

Do conjunto de participantes, que totalizou 29 crianças (12 com idades entre 4 a 5 anos e 11 meses e 17 com idades entre 6 anos a 11 anos e 11 meses), a faixa etária mais frequente foi entre quatro e oito anos, com uma média de idade de seis anos. A maioria dos participantes era do sexo masculino (51,70%), branca (86,20%), com renda familiar mensal acima de R\$8.360,00 reais (48,30%), estudantes do Ensino Fundamental (58,62%), em escolas privadas (55,20%). As crianças participantes residiam majoritariamente na região Sul do Brasil (89,20%), mas o estudo teve a participação de crianças das regiões Sudeste e Centro-Oeste, além de uma participante brasileira que residia nos Estados Unidos da América. A configuração familiar mais frequentemente citada pelos pais/responsáveis foi a união heteroafetiva e biparental (96,55%), com dois cuidadores morando com a criança. Vinte e oito famílias eram mononucleares, isto é, ambos os cuidadores moravam na mesma casa. O casamento ou união estável foi o estado civil dos pais/responsáveis citado com maior frequência. Houve apenas uma família homoafetiva e outra monoparental.

Quanto aos aspectos associados à pandemia, foram identificados participantes que não estiveram em distanciamento social em nenhum momento (3,4%), que estiveram apenas por cerca de uma semana (6,9) e que estiveram por mais de 15 dias (89,65%). No que se refere às aulas, 65,5% das crianças estavam tendo aulas presenciais quando foram entrevistadas, 24,1% estavam tendo aulas à distância (on-line) e 10,3% não estavam tendo aulas no momento. Observou-se que 51,72% dos participantes tiveram algum familiar próximo com diagnóstico de COVID-19 e a maior parte deles se recuperou em casa e não teve complicações. Apenas dois participantes tiveram familiares que necessitaram de internação hospitalar e apenas um familiar foi a óbito. Referente à relação de parentesco entre o familiar que teve COVID-19 e a

criança, verificou-se casos com: bisavô(a) (16,67%), avô(a) (28,57%), pai e/ou mãe (14,28%), irmão(a) (4,76%), tio(a) (23,8%), primo(a) (4,76%), padrinho (2,39) e toda a família nuclear (4,76%).

A Vida Antes e Durante a Pandemia de COVID-19: perspectivas das Crianças

A partir da análise dos relatos dos desenhos das crianças, emergiram seis categorias temáticas, com suas respectivas subcategorias, conforme a Tabela 1. A fim de garantir o sigilo dos participantes, utilizou-se a letra C, seguida do número que indica a ordem de inscrição do participante na pesquisa, o sexo e a idade da criança (C1, C2, C3...).

Tabela 1

Análise Temática dos Desenhos e Relatos das Crianças

Categoria	Subcategoria
1. Quando não tinha o coronavírus	1.1. A vida era melhor
2. Estudando e indo para a escola antes do coronavírus	2.1. Tinha aulas na escola
3. Vivendo com o coronavírus	3.1. O coronavírus mudou as coisas e não vai embora
4. Mudando a escola com o coronavírus	4.1. O coronavírus fez a casa virar escola 4.2. Abrindo as escolas
5. Sentindo e pensando sobre o coronavírus	5.1. Emoções, sentimentos e pensamentos 5.2. Opiniões sobre o uso de máscaras
6. Quando a pandemia acabar	6.1. A duração do coronavírus e o que esperar do futuro

Nota. Elaborada pelas autoras.

Para ilustrar as categorias e subcategorias mencionadas na Tabela 1, foram selecionados trechos dos relatos das crianças sobre seus desenhos, descritos a seguir.

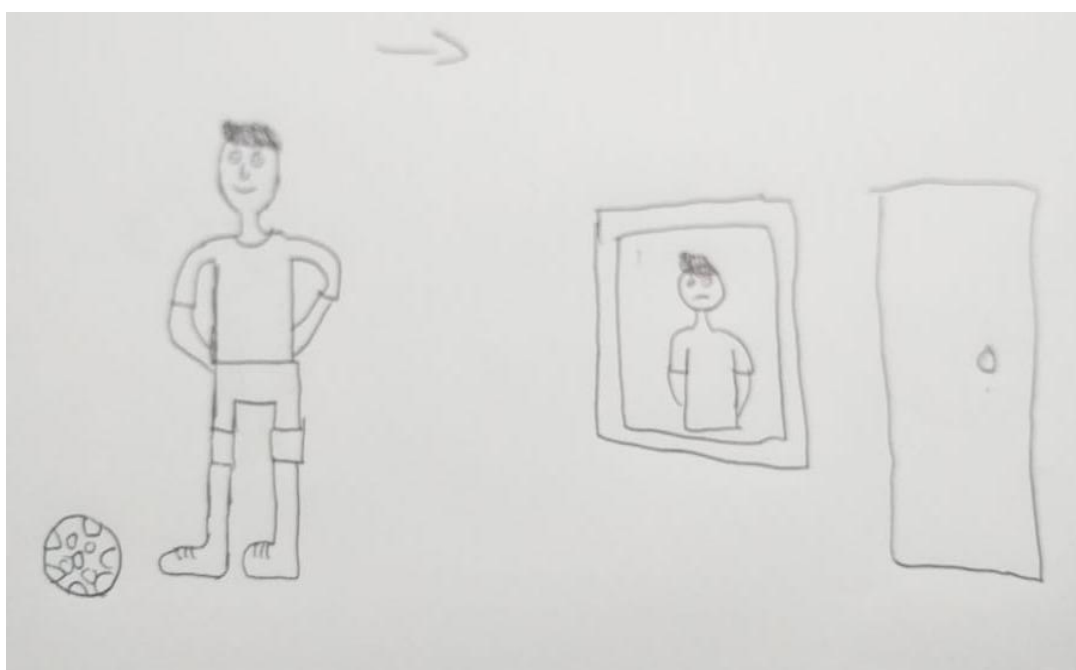
A respeito da categoria 1 (Quando não tinha o coronavírus), as crianças citaram diferentes aspectos da vida, a qual, para elas, era tranquila, alegre e leve. Também

mencionaram questões do cotidiano das pessoas antes da instalação da pandemia, como ilustra o relato de C29 (menina, 6 anos): “eu ficava em casa, às vezes eu ia lá na minha creche. E, também ficava com a minha família em casa, às vezes também eu ia no parque, fazer um piquenique. Às vezes a minha vovó vinha aqui em casa”.

Outra participante, após elaborar o desenho (Figura 1) indicou: “(...) antes da quarentena eu tipo, podia brincar, sair na rua, essas ‘coisa’. Meu irmão também. Daí depois da quarentena ficava só com vontade de ir” (C1; menino, 11 anos).

Figura 1

Desenho de C1 (Menino, 11 Anos), Categoria “Quando Não Tinha o Coronavírus”



As crianças também se referiram a aspectos da escola antes da pandemia, conforme descreve a categoria 2 (Estudando e indo para a escola antes do coronavírus). Para os participantes, antes da COVID-19 o espaço escolar tinha aulas, brincadeiras e não havia distanciamento, conforme ilustra o relato de C22 (menino, 5 anos): “Quando era na minha escola, tinha amigo, daí eu ficava pertinho, é... de quando eu queria brincar com eles. É porque

eu ficava pertinho”. As crianças mencionaram também que podiam compartilhar materiais, realizavam atividades, era mais fácil estudar e havia menos tarefas para fazer em casa.

A categoria 3 (Vivendo com o coronavírus) foi formada pelas perspectivas das crianças acerca das mudanças que ocorreram em decorrência da pandemia (relativas ao cotidiano), bem como à sua duração prolongada. O relato a seguir exemplifica a descrição das transformações na vida diária da participante C40 (4 anos, menina): “Sabe, a gente não pode sair de casa. A gente tem que ficar em casa, ‘bincá’ [brincar], fazer muitas coisas em casa. Não pode sair na varanda, nem na ‘paça’ [praça], nem ‘po’ [para o] shopping! Nem ir no ‘supemecado’ [supermercado] pra comprar nem ‘as coisa!’”. Para as crianças, as modificações ocasionadas pelo coronavírus incluíram ainda a alteração no formato do trabalho dos pais/responsáveis, a restrição de contato físico (beijos e abraços), a necessidade de usar álcool gel e máscara, o impedimento de realizar passeios, brincar fora de casa, viajar, visitar os avós e participar de festas e comemorações. Outra mudança observada pelas crianças evidenciou a possibilidade de realizar atividades mesmo com a presença do coronavírus, conforme ilustra a Figura 2, que foi seguida do relato de C27 (menino, 9 anos), após desenhar a si mesmo jogando: “é a melhor coisa que eu já fiz na quarentena”.

Figura 2

Desenho de C27 (Menino, 9 Anos), Categoria “Vivendo com o Coronavírus”



Questões relativas às alterações na escola e nas aulas, provocadas pelo surgimento da pandemia pelo coronavírus, foram agrupadas na categoria 4 (Mudando a escola com o coronavírus). Na perspectiva das crianças, com a chegada do coronavírus as aulas passaram a ser on-line e a casa se transformou em escola. Dessa forma, a condução e monitoramento das atividades escolares foram delegadas aos pais/responsáveis, aspecto relatado por C1 (menino, 11 anos):

Até ‘pro’ meu irmão assim eu observo, passou de ser a minha mãe a professora dele. Ele é mais novo. Sem a minha mãe, o meu irmão não ‘tava’ conseguindo assim... ir ‘pra’ frente. Daí a minha mãe explicava o conteúdo ‘pra’ ele, ‘pra’ ele ir fazer as atividades. (...) é, a minha mãe, ela me ajuda mais nas provas, daí. Mas nas aulas, daí eu assistia sozinho, que ela tem também os ‘negócio’ dela ‘pra’ fazer.

Ainda sobre a modalidade de aulas on-line, os participantes manifestaram opiniões distintas, evidenciando insatisfação: “eu não queria que as aulas fossem on-line por causa que a minha mãe disse que o coronavírus piorou... eu não gosto de aula on-line” (C19; menino, 8 anos); ou comodidade: “(...) dá pra ficar aqui em casa. Eu não preciso nem botar a bermuda da escola, só a camisa. (...) Posso ficar descalço também” (C27; menino, 9 anos). Quanto à reabertura das escolas e o retorno às aulas presenciais, as crianças citaram a necessidade de usar máscara, higienizar as mãos com álcool em gel e outras regras a fim de conter a disseminação do coronavírus:

Tem de... agora é só três... duas [crianças] em cada banco, antes era quatro. E também no lanche agora, no intervalo, é tipo duas pessoas em cada time. Antes podia ter quantos quiser, podia entrar na quadra assim dez por cada vez. [Com a pandemia] pode um de cada vez, assim” (C10; menino, 7 anos).

Destaca-se ainda que nessa categoria não foi evidenciado conteúdo decorrente dos relatos de crianças pré-escolares.

Os aspectos afetivos ou cognitivos resultantes da situação pandêmica ou do próprio coronavírus foram reunidos na categoria 5 (Sentindo e pensando sobre o coronavírus). O medo foi relacionado à contaminação: “Eu desenhei o coronavírus, duas crianças gritando: ‘aaahh’, porque elas tão com medo de pegar o vírus” (C10; menino, 7 anos). Uma das crianças citou que sentia “(...) saudade de várias coisas: as minhas aulas, brincar no parquinho. ‘Tô’ com saudade das broncas da professora (...) ‘Tô’ com saudade do meu coleguinha incomodando só um ‘poquinho’ [pouquinho]” (C4; menina, 7 anos). A tristeza foi associada a não conseguir ir à casa de amigos ou à escola, bem como à ideia de que o coronavírus machuca as pessoas:

Eu tenho aqui ainda que fazer um coração aqui [no desenho]. Eu vou precisar do preto, porque eu vou fazer um coração preto, porque o ‘corona’ é a coisa mais pior, porque eu

até que vou pintar ele [o coração]. Porque, porque o coronavírus é a coisa que deixou o coração mais, mais triste. É por isso que eu ‘tô’ desenhando um coração preto. Porque o ‘corona’ é a coisa mais triste do mundo, porque ele sempre quer machucar as pessoas (C2; menina, 4 anos).

Nesta categoria, também foram incluídas as opiniões das crianças sobre o uso de máscaras: “Cansativo, porque você fica sem ar. Cansa” (C14; menino, 8 anos). Outra criança comentou acerca da dificuldade de comunicação, causada pelo uso da máscara: “‘puquê’ [porquê] ‘pra’ mim é um pouco chato, ‘puquê’ daí às vezes o outro não ouve o que a gente diz por causa da ‘mácala’ [máscara]” (C35; menina, 5 anos). A participante C11 (menina, 7 anos), mencionou durante o relato do seu desenho (Figura 3) a obrigatoriedade do uso da máscara imposta por uma figura de autoridade: “A gente agora tem que usar máscara porque a prefeitura foi lá (...) tem que respeitar se não ele fecha escola, o prefeito”. Já o participante C51 (menino, 5 anos), pareceu indicar em seu relato alguma tolerância ao desconforto causado pela máscara, em detrimento da função protetora: “(...) eu sinto calor na boca, eu sinto calor na boca, mas não faz mal (...) dá um calorzinho na boca, mas, tá bom (...) tá com máscara daí não vai morrer”. E a participante C37 (menina, 4 anos), relatou o que gostava na máscara: “Tem uma máscara que eu gosto, de cor azul clara que é um flamingo, flamingo é rosa”.

Figura 3

Desenho de C11 (Menina, 7 Anos), Categoria “Sentindo e Pensando sobre o Coronavírus”



A categoria 6 (Quando a pandemia acabar) integrou as expectativas das crianças quanto à duração da pandemia e da presença do coronavírus, bem como do que gostariam de fazer quando esse período chegasse ao fim. Para o participante C19 (menino, 8 anos), o coronavírus seria uma presença permanente, mas a vacina protegeria as pessoas da contaminação: “(...) a minha mãe disse que ele [o coronavírus] vai ficar pra sempre. Quando a gente vai tomar a vacina do coronavírus ele ainda continua circulando e a gente que não vai pegar, porque a gente já fez a vacina”. Para C40 (menina, 4 anos), o fim do coronavírus possibilitaria escolher o que desejava fazer: “Quando acabar o coronavírus eu vou fazer natação”. Também foi relacionado por alguns participantes à retomada da convivência e do contato presencial com os amigos:

“(...) eu prometi ‘pra’ mim mesmo que quando a pandemia acabar eu vou convidar um amigo ‘pra vim’ aqui na minha casa e jogar comigo” (C27; menino, 9 anos).

Discussão

A pandemia de COVID-19 imprimiu uma série de perdas, restrições, mudanças e adaptações à população em escala global. De modos distintos, as pessoas foram afetadas, independentemente do momento de desenvolvimento do ciclo de vida que se encontravam. No entanto, algumas características individuais, psicológicas, ambientais, sanitárias, políticas, culturais e sociais tornaram algumas populações potencialmente mais vulneráveis, dentre as quais, destaca-se a população infantil.

A caracterização dos participantes desse estudo reflete um perfil de crianças que, em sua maioria, eram oriundas de famílias com poder aquisitivo elevado, com um número pequeno de moradores na mesma residência e, no geral, com ambos os pais (em relacionamento heteroafetivo) e irmãos coabitando. Estudavam em escolas privadas, eram provenientes da Região Sul do Brasil e com etnia predominantemente branca. Menos de 10% haviam testado positivo para o coronavírus e seus parentes infectados haviam se recuperado sem hospitalização, sendo baixíssimo o número de óbitos na família. Tais dados denotam que os participantes dessa pesquisa representam uma parcela da população com acesso a privilégios e que provavelmente, além de terem recursos para responderem à pesquisa (como *smartphones*, computadores e acesso à internet), também puderam, em sua maioria, realizar o isolamento social por um período prolongado, permanecendo em casa e dispondo do ensino on-line ofertado pelas suas escolas.

No estudo de Melo et al. (2022), foi identificado que acessar os meios necessários para se conectar à escola durante a pandemia esteve relacionado à questão racial, à classe social e à vulnerabilidade do território onde as crianças viviam. Assim, é importante considerar que os

significados que as crianças participantes da presente pesquisa atribuíram à pandemia de COVID-19, no momento da coleta de dados, esteve atrelado às condições materiais disponíveis em seus contextos (família e escola), o que também corrobora os resultados do estudo de Cornaggia et al. (2022), referente à disponibilidade/acessibilidade das famílias para mobilizarem recursos para reduzir os impactos negativos da pandemia.

Os resultados da categoria “Quando não tinha o coronavírus” aludem à comparação que as crianças fizeram entre a rotina do cotidiano pandêmico com a anterior à pandemia, em que julgavam que a vida era melhor, pois não era necessário o uso das máscaras e era possível estar perto das pessoas, brincar, passear e viajar. A saudade do que era habitual antes do coronavírus também foi representada pelas crianças que participaram do estudo de Folino et al. (2021). Por outro lado, por meio dos desenhos, as crianças da investigação de Alvaro et al. (2021) mencionaram que antes da pandemia não tinham tempo disponível para brincar devido à necessidade de ir à escola e que aulas remotas permitiam que o café da manhã fosse realizado com mais calma. Além disso, em outros estudos, foi identificado que o confinamento proporcionou que as crianças estivessem mais próximas à sua família imediata (pais, irmãos e irmãs) (Idoiaga et al., 2020; Mondragon et al., 2022; Swank et al., 2022).

Aspectos relativos à escola foram evidenciados em duas categorias elaboradas a partir dos relatos das crianças. Isso demonstra a centralidade do ambiente escolar na vida infantil, estruturando e organizando a rotina de crianças (e suas famílias), representando um local fundamental para a socialização (Larivière-Bastien et al., 2022) e acesso a bens culturais (Melo et al., 2022). As perspectivas infantis apresentadas na categoria “Estudando e indo para a escola antes do coronavírus” destacaram que antes do contexto pandêmico não era necessário o isolamento social e que podiam compartilhar e brincar com os amigos. Mencionaram que havia mais facilidade com relação aos estudos e menor quantidade de tarefas escolares para resolver

em casa. Tais aspectos podem ser indicativos do desconforto das crianças quanto ao ensino remoto, corroborando as opiniões dos participantes do estudo de Melo et al. (2022), que revelaram insatisfação quanto às atividades escolares e ao excesso delas. O aborrecimento e o cansaço relativos aos trabalhos escolares durante a pandemia também foram evidenciados nos relatos de crianças espanholas (Idoiaga et al., 2020) e romenas (Maftei et al., 2022).

Já na categoria “Mudando a escola com o coronavírus”, os participantes relataram a mudança provocada pelas aulas on-line que transformou a casa em escola e os pais em professores. Tais achados são similares aos relatos de crianças participantes de outras pesquisas que não gostaram das aulas on-line, porque não conseguiam compreender o conteúdo e pela falta de interação presencial com os colegas da escola (Larivière-Bastien et al., 2022; Maftei et al., 2022; Swank et al., 2022). A esse respeito, destaca-se que as aprendizagens oportunizadas no contexto escolar antes da pandemia não foram totalmente experimentadas em casa, a partir do ensino remoto (Larivière-Bastien et al., 2022; Maftei et al., 2022; Melo et al., 2022). Um dos fatores que pode explicar tal dado é a interação que o ambiente escolar proporciona, que é essencial para os processos de aprendizagem (Larivière-Bastien et al., 2022; Melo et al., 2022; Swank et al., 2022).

Por outro lado, os resultados do estudo de Maftei et al. (2022) com crianças romenas indicaram que, na percepção dos participantes, o ensino remoto tinha algumas vantagens, como o conforto de assistir às aulas em casa e se sentirem seguros e protegidos. Os benefícios do ensino remoto também foram relatados no estudo norte-americano conduzido por Swank et al. (2022), com as crianças relatando maior flexibilidade na realização de tarefas, atividades mais agradáveis e um ambiente mais tranquilo para se concentrar. Na presente pesquisa, a comodidade de estar em casa também foi mencionada e relacionada à praticidade de não ter que mudar de roupa para assistir às aulas on-line.

Na convivência com o novo coronavírus, os resultados evidenciaram as perspectivas dos participantes sobre as restrições impostas pela pandemia à vida das crianças, como a necessidade de: (a) permanecer em casa (não passear, viajar, sair para brincar, ir à escola ou ficar com os avós); e (b) manter o distanciamento social (não ficar perto das pessoas, abraçar ou beijar, ir a festas ou comemorações). De modo semelhante, os significados atribuídos à necessidade de que era preciso ficar em casa durante a pandemia foi destacada por outros estudos que acessaram os relatos das crianças (Bonoti et al., 2022; Folino et al., 2021), os quais também se referiram a perda de conexão com amigos, familiares com quem não moravam e professores (Swank et al., 2022). A impossibilidade de ter contato físico ou permanecer em locais com aglomeração (Folino et al., 2021), a necessidade de manter pelo menos um metro de distância de outras pessoas (Alvaro et al., 2021) e o distanciamento social como fonte de angústia, irritação e tédio (Marques et al., 2022) também foram apontados pelas investigações.

Também é importante notar que, apesar de as crianças desta pesquisa mencionarem a necessidade das medidas de isolamento, foram observados desenhos e relatos que evidenciaram a tristeza por não conseguir ir à casa de amigos ou à escola, sair para brincar, passear ou ficar com os avós. Tais dados vão ao encontro dos resultados dos estudos de Alvaro et al. (2021), de Marques et al. (2022) e de Mondragon et al. (2022), que indicaram que as crianças continuaram se sentindo tristes por não poder sair, ver os avós e pela ausência dos amigos. Marques et al. (2022) destacaram, ainda, o medo das crianças de que pessoas próximas morressem. Em outras investigações qualitativas com crianças sobre a pandemia da COVID-19, as emoções mais frequentemente associadas ao período pandêmico também foram a tristeza (Bonoti et al., 2022; Maftei et al., 2022; Mondragon et al., 2022) e o medo (Camargo & Fernandes, 2023; Idoiaga et al., 2020; Maftei et al., 2022). No contexto pandêmico, sobretudo quando os dados foram

coletados, o medo constituiu um risco que a criança vivenciou concretamente diante de situações sociais vividas e faladas (Marques et al. 2022).

Destaca-se também o uso de máscara, inclusive quando as crianças desta pesquisa se referiram às suas vidas antes da pandemia, ou seja, quando era “mais fácil respirar” porque não era obrigatório o uso de máscaras. Além disso, os participantes citaram a necessidade de usá-la na escola, na retomada das aulas presenciais, bem como emitiram suas opiniões em relatos sobre o uso da máscara, relacionando-a ao cansaço durante a prática de atividades físicas, à dificuldade para respirar, à interferência na comunicação verbal e ao desconforto. Em outras investigações sobre as perspectivas infantis sobre a pandemia, a maioria das crianças e adolescentes também associava as máscaras ao novo coronavírus (Maftei et al., 2022) e às saídas de casa durante a pandemia (Alvaro et al., 2021; Folino et al., 2021; Marques et al., 2022; Pascal & Bertram, 2021).

O desejo pelo fim da pandemia foi mencionado pelas crianças nesta investigação e em outras pesquisas internacionais (Idoiaga et al., 2020; Swank et al., 2022) e também nacional (Marques et al., 2022). Como perspectiva para o fim da pandemia, as crianças deste estudo indicaram que pretendiam retomar suas vivências anteriores ao período pandêmico, especialmente ligadas ao contato presencial com os amigos, assim como relataram as crianças participantes de outras pesquisas (Cornaggia et al., 2022; Pascal & Bertram, 2021). Além disso, observou-se a presença de expectativas com a vacina, que também representou outro aspecto semelhante aos estudos acerca das percepções e experiências infantis com a pandemia da COVID-19.

Considerações Finais

O presente estudo possibilitou visibilizar as perspectivas de crianças pré-escolares e escolares brasileiras sobre a pandemia de COVID-19, atingindo, portanto, o objetivo principal da investigação. Assim, a utilização de metodologias participativas, como o desenho, mostrou-se positiva, pois permitiu que as crianças expressassem seus pensamentos e sentimentos acerca do período pandêmico. No entanto, os resultados também possibilitaram refletir e identificar limitações, sobretudo em relação à população pesquisada. A maior parte das crianças era proveniente da região Sul do país, de etnia branca e de classe socioeconômica favorecida, o que precisa ser considerado na compreensão dos dados, já que estudos com crianças com outras características sociodemográficas e oriundas de contextos diversos podem apresentar resultados diferentes. Além disso, a coleta de dados ocorreu em apenas um momento, inviabilizando a compreensão das perspectivas infantis sobre a pandemia ao longo do tempo.

Recomenda-se que sejam elaborados estudos longitudinais, com acompanhamento dos participantes para aprimorar a compreensão sobre os resultados, bem como pesquisas qualitativas que envolvam as perspectivas dos adultos envolvidos nos cuidados das crianças, como pais/responsáveis e professores. Sugere-se também que investigações semelhantes a esta sejam realizadas com crianças de contextos variados, com características sociodemográficas e desenvolvimentais diversas, incluindo a perspectiva de crianças com deficiência e/ou desenvolvimento atípico.

Referências

- Alvaro, M., Folino, C., Massarani, L., & Chagas, C. (2021). “A máscara salva”: representações sociais da pandemia de covid-19 por meio dos desenhos de crianças cariocas. *Saúde e Sociedade*, 30(4), 2–12. <http://doi.org/10.1590/S0104-12902021210328>
- Bonoti, F., Christidou, V., & Papadopoulou, P. (2022). Children’s conceptions of coronavirus. *Public Understanding of Science*, 31(1), 35–52. <https://doi.org/10.1177/09636625211049643>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Camargo, A. P., & Fernandes, A. D. S. A. (2023). A vivência cotidiana das crianças durante a pandemia da Covid-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3581. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO275135811>
- Cornaggia, A., Bianco, F., Gilli, G., Marchetti, A., Massaro, D., & Castelli, I. (2022). Children’s representations of the COVID-19 lockdown and pandemic through drawings. *Frontiers in Psychology*, 13, 960893. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.960893>
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016: Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. Diário Oficial da União. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Davies, C., Waters, D., & Fraser, J. (2024). Factors that support children and young people to express their views and to have them heard in healthcare: An inductive qualitative content analysis. *Journal of Child Health Care*, 0(0), 1–14. <https://doi.org/10.1177/13674935241258515>

-
- Folino, C. H., Alvaro, M. V., Massarani, L., & Chagas, C. (2021). A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4), 1–13. <http://doi.org/10.1590/0102-311X00304320>
- Gouvêa, M. C. S. (2022). Infância e pandemia: Exercícios de escuta. In I. O. Silva, I. R. Luz, L. D. Carvalho, & M. C. S. Gouvêa (Eds.). *Infância e pandemia: escuta da experiência das crianças* (pp. 11–23). Incipit.
- Hennick, M. M., Kaiser, B. N., & Marconi, V. C. (2017). Code saturation versus meaning saturation: How many interviews are enough? *Qualitative Health Research*, 27(4), 591–608. <https://doi.org/10.1177/1049732316665344>
- Idoiaga, N., Berasategi, N., Eiguren, A., & Picaza, M. (2020). Exploring children's social and emotional representations of the Covid-19 pandemic. *Frontiers in Psychology*, 11(1952), 1–16. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01952>
- Larivière-Bastien, D., Aubuchon, O., Blondin, A., Dupont, D., Libenstein, J., Séguin, F., Tremblay, A., Zarglayoun, H., Herba, C. M. & Beauchamp, M. H. (2022). Children's perspectives on friendships and socialization during the COVID-19 pandemic: A qualitative approach. *Child: Care, Health and Development*, 48(6), 1017–1030. <https://doi.org/10.1111/cch.12998>
- Maftai, A., Merlici, I. A., & Roca, I. C. (2022). Implications of the COVID-19 pandemic on children and adolescents: Cognitive and emotional representations. *Children*, 9(3), 359. <https://doi.org/10.3390/children9030359>
- Marques, F. P. C., Tamietti, J. R., Bizzotto, L. M., & Gouvêa, M. C. S. (2022). Emoções e sentimentos das crianças em tempos de pandemia. In I. O. Silva, I. R. Luz, L. D. Carvalho, & M. C. S. Gouvêa (Eds.). *Infância e pandemia: escuta da experiência das crianças* (pp. 119–155). Incipit.

-
- Melo, A. C. F. B. S., Nascimento, C. V., Oliveira, K. S., Santos, M. C., & Camilo, R. C. (2022). Crianças e escolas no contexto do isolamento social: aprendizagens e sociabilidades entremeadas. In I. O. Silva, I. R. Luz, L. D. Carvalho, & M. C. S. Gouvêa (Eds). *Infância e pandemia: escuta da experiência das crianças* (pp. 63–89). Incipit.
- Mondragon, N. I., Munitis, A. E., Sancho, N. B., & Etxebarria, N. O. (2022). Drawing the COVID-19 pandemic: How do children incorporate the health crisis and its consequences into their everyday thinking? *Psychology & Health*, 39(3), 1–20. <https://doi.org/10.1080/08870446.2022.2066103>
- Moura, E. C., Cortez-Escalante, J., Cavalcante, F. V., Barreto, I. C. D. H. C., Sanchez, M. N., & Santos, L. M. P. (2022). Covid-19: Evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022. *Revista de Saúde Pública*, 56, 1–11. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004907>
- Organização Pan-Americana de Saúde (2020). *Histórico da pandemia de COVID-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Organização Pan-Americana de Saúde (2023). *OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19*. <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>
- Pascal, C., & Bertram, T. (2021). What do young children have to say? Recognising their voices, wisdom, agency and need for companionship during the COVID pandemic. *European Early Childhood Education Research Journal*, 29(1), 21–34. <https://doi.org/10.1080/1350293X.2021.1872676>

- Souza, V. R. D. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., & Nascimento, P. L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34, 1–9. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>
- Swank, J. M., Weaver, J. L., & Prikhidko, A. (2022). Children and Adolescents' Lived Experiences During the COVID-19 Pandemic. *The Family Journal*, 30(2), 184–190. <https://doi.org/10.1177/10664807211052303>